

APRESENTAÇÃO DO VOLUME

“Museu de Tudo” é um nome que evoca a obra de João Cabral de Melo Neto. O autor sem nenhum tipo de embaraço define a obra como um “depósito do que aí está”. A definição cabralina, longe de evocar uma ideia pejorativa, na verdade lança luz sobre objetos artístico-científicos que habitam um mesmo *locus*. Tal concepção espacial já se apresentava à cultura ocidental em seus gregos primórdios. Ao voltarmos um pouco na história da cultura do Ocidente, nos deparamos com este *locus* privilegiado: o Museu. A forma latina dessa palavra provém de μουσεῖον, o santuário dedicado às Musas gregas, deusas protetoras das artes. Neste espaço todas as artes eram reunidas e continuamente celebradas. Não seria prudente, entretanto, qualificar esse lugar de excelência como um armazém de velharias. Na verdade, ao pensarmos assim, perdemos de vista a maior glória de um Museu: a sua vitória sobre o tempo. Semelhantemente a esse *locus*, este volume tenta também, na medida do possível, vencer o tempo em sua pior manifestação, a do esquecimento. Dessa forma, regressamos então à origem das artes, a seu estado nascente, à deusa Memória *de quem as Musas provieram* (ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο. Hesíodo, Theog. v. 916).

O número **Museu de Tudo 2: tema livre**, que aqui apresentamos, continua a dinâmica de publicação de artigos da Revista *Graphos* do **Museu de Tudo 1**, no qual, sob temas variados, as submissões foram veiculadas pelo sistema “*Ahead of print*”, ou seja, um sistema que coloca no ar o artigo imediatamente após a finalização de seu processo editorial, mas antes do fechamento do volume. Esse novo número, além de publicar submissões oriundas do volume anterior, também publicou novas submissões. Tal como na primeira edição também, este volume da série foi alimentado continuamente até quase a data de seu fechamento.

Na incumbência de abarcar variados temas e processos críticos, a série “Museu de tudo” evoca não só o livro cabralino, mas também a dinâmica do Museu: vários procedimentos poéticos, temas, gêneros literários, teorias são anotados, quebrando uma pressuposta hegemonia estética atribuída ao autor, e desmontando paradigmas tidos como irrefutáveis pela sua crítica. Da mesma forma, essa série da revista *Graphos* propõe a reunião de proposituras diversas, desde que sob o escopo da revista, a saber, pesquisas sobre literatura e cultura, teoria e tradução. E foi tal pretensa multiplicidade dentro de um arcabouço comum, os estudos dos textos literários em suas potencialidades diversas, que compôs esse número, apresentando estudos que se diferenciam em sua proposta crítica, em seu objeto, em suas estratégias metodológicas.

Abrimos nosso volume com o artigo **“Homens nada modernos e máquinas emperradas: heterossexualidade como trauma nas narrativas de Waugh, Lawrence e Maugham”**, de Ruan Nunes Silva que, a partir *“de três chaves de leitura – a homossexualidade, de Eve Sedgwick (2016), a reorientação de objetos, de Sara Ahmed (2006), e as construções de masculinidade, de Raewyn Connell (2016)”*, propõem uma crítica das personagens de Waugh, Maugham e Lawrence. O autor conclui em seu estudo que *“a heterossexualidade nos romances selecionados revela expressões problemáticas de sujeitos que recusam estabilizações de identidades, tarefa comum das críticas LGBTQTIAP+ na contemporaneidade.”*

“As várias pedras do caminho: Arnaldo Antunes com Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto”, de Maria Salete Borba e Karoline Zampiva Corrêa, apresenta *“uma leitura do tempo como anacronismo a partir do poema “pedra de pedra”, do poeta, compositor e artista visual paulista Arnaldo Antunes”*. O artigo foca no elemento “pedra” como um dispositivo de leitura que dialoga com textos de épocas e autores distintos, a saber: Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, além de, em um segundo momento, ser considerado como um elemento constituinte da cidade natal dos poetas em estudo. A anacronia é o conceito principal nesta leitura, subsidiada pela obra dos seguintes teóricos: *“Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens, de Georges Didi-Huberman (2015), O que é um dispositivo? (2005), de Giorgio Agamben; O que é o contemporâneo? e outros ensaios, de Giorgio Agamben (2009), Seis propostas para o próximo milênio, de Italo Calvino (1990), entre outros materiais.”*

Edson Ribeiro da Silva, em seu artigo **“A antificação romanesca como compromisso com a verdade, através da autoficção e do testemunho”**, propõe uma abordagem de obras na narrativa contemporânea como *“resistência à política do esquecimento”*. Através dos conceitos de *parresía*, de Foncault, de romance por Bakhtin, da noção de antificação, por Lejeune, e do conceito de ficção de Searle, o autor aborda as obras de Marcelo Rubens Paiva, Milton Hatoum e Patrick Modiano com o intento de demonstrar que a *“autoficção como possibilidade de literatura de testemunho e de fixação da memória”* produz o que o autor denomina de antificação romanesca.

Em **“Aspectos Estilísticos e Retóricos de O Prelúdio, de William Wordsworth”**, Angiuli Aguiar nos contempla com uma discussão sobre o estilo do poeta William Wordsworth. Para o autor, certas concepções, inclusive em parte oriundas da própria visão do poeta a respeito de sua poética, apresentam apenas parcialmente a sua potencialidade poética.

Revista Graphos, vol. 25, nº 1, 2023 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536 | E-ISSN 2763-9355

Após elencar alguns recursos retóricos e figuras estilísticas das quais o poeta faz emprego em sua obra, Aguiar demonstra como a sua linguagem não como “uma linguagem natural e espontânea”, mas como uma “*linguagem marcadamente wordsworthiana*”, plena de recursos sofisticados.

A seguir, duas perguntas norteadoras orientam o artigo “**A contação de histórias no ensino da literatura: uma perspectiva sociointeracionista**”, proposto por Marineide Cavalcanti Arruda, Nádia Barros de Araújo, André Luís de Araújo e Ana Paula Torres de Queiroz: “*como a literatura da tradição oral pode possibilitar a proposição de práticas de ensino situadas a partir da perspectiva sociointeracionista? Quais as contribuições da contação de histórias para a formação do leitor literário?*” O artigo que tem um caráter reflexivo sobre as práticas de ensino de literatura, propõe um contato maior com a literatura de cunho oral no ensino médio, a fim de “*tornar pública e visível a cultura dos falantes de uma determinada comunidade discursiva, narrada a partir dos gêneros orais*”. Por fim, apresentam-se aqui os resultados e as análises de um projeto executado junto ao ensino médio na cidade de Tapiramutá/Bahia como base para uma reflexão acerca do impacto da literatura oral no ensino médio.

Ainda dentro dessa perspectiva de gênero popular de literatura, Vera Lucia Oliveira Cardoso Galdino e Naelza de Araújo Wanderley, em seu artigo “**A plurilinguagem em Alice no País das Maravilhas em cordel: um convite à leitura literária na escola**”, defendem também a inserção no ensino médio de obras que dialogam com a cultura oral na forma do gênero cordel. Para o intento, utilizaram como *corpus* a obra de *Alice no País das Maravilhas em cordel*, do poeta João Gomes de Sá que transpôs um clássico da literatura infantil em prosa para o cordel em versos e em imagens. A base teórica contemplou diversos autores que forneceram conceitos apropriados para análise, tais como: plurilinguismo/plurilinguagem, leitura de imagens e palavras, ilustrações em livros infantis e “*adaptações de clássicos da literatura mundial e brasileira para o cordel infantil contemporâneo*”. Por fim, as autoras defendem que essa análise “*serve de reafirmação desse gênero literário como forte expressão da cultura nordestina, que se inova e se renova permanecendo vivo e ampliando seu público leitor ao adentrar os muros das escolas.*”

Na luta contra o esquecimento, Rosana Cássia dos Santos, em seu artigo “**Júlia Lopes de Almeida: a subversão possível em Memórias de Marta**” evoca a obra da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Ao analisar a personagem Marta da obra *Memórias de Marta* (1888), a autora do artigo traz à tona as lutas pela sobrevivência da personagem em meio a uma época de pesada cobrança moral pelo casamento. Santos aponta na análise da personagem semelhanças com a vida da própria criadora no intuito de alicerçar e fixar tanto a obra quanto a escritora não contempladas nos manuais de

literatura.

A tradução, aspecto importante para nossa revista, também encontra excelente reflexão no artigo “**Estratégias tradutórias em Alá e as Crianças-Soldados, de Ahmadou Kourouma**” de Maria Teresa Rabelo Rafael. A autora analisa, de acordo com dois conceitos tradutológicos, a tradução estrangeirizadora ou domesticadora e a deformadora, a obra do escritor marfinês na tradução de Flávia Nascimento. A partir das notas tradutórias dela, Rafael demonstra “*que, ao subverter o português à norma e à lógica da língua/cultura malinquê, a tradução brasileira se distanciou de uma perspectiva domesticadora, em que os traços culturais e linguísticos da língua de origem são adaptados à língua/cultura de chegada.*”

Na perspectiva crítica e “*com o intuito de explorar sua relação com os demais personagens, especialmente em se tratando de como o feminino é caracterizado no âmbito religioso*”, Bruno Kutelak Dias, em seu artigo “**A Compadecida de Suassuna: humana, divina e empoderada(?)**”, investiga na obra Auto da Compadecida (1955), de Ariano Suassuna (1927 - 2014) como se estabelece a relação da personagem Maria, a Compadecida, com a fé popular. Apoiando-se em vasta bibliografia teórica, o autor chega à conclusão de que, apesar da posição de destaque à personagem feminina na obra, o feminino “*ainda é relegado a uma posição de subalternidade e seu empoderamento depende diretamente do controle masculino/patriarcal que comanda a fé católica.*”

Encerrando nosso volume, Antonio Barros, empregando o conceito de “*heterocronia, o outramento dos tempos, estudada durante toda a vida pelo historiador da arte alemão Aby Warburg,*” analisa a obra de Fernando Pessoa em seu artigo “**Dramas de Almas: Os outramentos entre a Poética de Fernando Pessoa e as Pesquisas de Aby Warburg.**” Os heterônimos largamente empregados pelo poeta em sua obra constituem o escopo dessa pesquisa. O autor ressalta ainda que “*o papel ainda pouco estudado que as questões da astrologia tiveram para ambos os autores durante seus processos de pesquisa*”, também pode ser considerada de extrema importância às obras tanto do teórico quanto do poeta.

Museu de Tudo 2, sob a perspectiva de temas e objetos variados, realiza assim um percurso pela multiplicidade de obras e ideias que constitui um dos lemas fundamentais de um Museu: reunir para celebrar. Dessa forma, acreditamos que esta publicação reúne em um espaço, ainda que virtual, peças de uma inquieta atividade científica que insiste em não ser apagada ou subjugada. A revista Graphos agradece aos autores, avaliadores e futuros leitores, dando sequência a seu firme propósito de divulgação científica.

Elaine Cristina Cintra
Marco Valério Classe Colonnelli
(Editores do volume)